

AO NORTE, AO CHÃO



*Ao norte, ao chão*

Láís Ferreira



© Moinhos, 2017.  
© Laís Ferreira, 2017.

*Edição:*  
Camila Araujo & Nathan Matos

*Assistente Editorial:*  
Sérgio Ricardo

*Revisão:*  
LiteraturaBr Serviços Editoriais

*Diagramação e Projeto Gráfico:*  
LiteraturaBr Serviços Editoriais

*Capa:*  
Sérgio Ricardo

1ª edição, Belo Horizonte, 2017.

*Nesta edição, respeitou-se o novo  
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.*

O48a  
Oliveira, Laís Ferreira | Ao norte, ao chão  
ISBN 978-85-92579-50-0  
CDD 869.91  
Índices para catálogo sistemático  
1. Poesia 2. Poesia Brasileira I. Título

Belo Horizonte:  
Editora Moinhos  
2017 | 56 p.

Todos os direitos desta edição reservados à  
Editora Moinhos  
Belo Horizonte — MG

editoramoinhos.com.br  
editoramoinhos@gmail.com

## Sumário

A maré,	7
Hoje não falaremos de amor,	8
Percurso,	10
A pesca,	12
Baía,	14
Breve será dezembro,	15
Copas,	17
Cordeiro de São João,	18
Bilhete,	20
Capão Raso,	22
Dois vales,	23
Este novembro,	24
Formatura,	25
Impedimento,	26
Rua São João,	27
Motim,	28
O chamado,	29
Oriente,	31
Os sem nomes do amor,	32

Pérola, 34  
Prática um, 35  
Prece na ilha, 36  
Previsão, 37  
Quadrilha, 38  
Retorno, 39  
Revoada, 40  
Ribeirão, 41  
Rabisco, 42  
Simpatia, 43  
Soleira, 44  
Última canção de adeus, 45  
Começo, 47  
Sudoeste, 48  
Voo rasteiro, 49  
Vizinhança, 50  
Uma canção de amor, 51

## **A maré**

Neste volume dos bolsos, aguardo  
um maço de lenços, um raio  
para que se ilumine, irradie  
a junção das vértebras

a instabilidade dos homens,  
a estabilidade tardia da fé.  
Meus amigos foram às ilhas,  
ilhas se perdem na paisagem

enquanto ainda a chamamos  
sabendo que há fronteira, tráfego  
lixo amontoado, as liquidações  
a insistirem que a continuidade

constitui um sentença sem juiz.  
Amanhã virá, é claro, o sol  
estará lá, como o mar e a terra  
talvez mais sujos, talvez o barro

não apareça tanto. As marés  
parecem dizer algo de amor.  
Hoje se cruza a costa, navega-se  
amanhã, impossível molhar os pés.

## **Hoje não falaremos de amor**

Hoje não falaremos de amor.  
Não que não nos interesse:  
é claro, na manhã passada  
um beija-flor alcançou a beira

do nono andar. A escuta  
alcançou a paciência do outro.  
Trançamos nossos cabelos,  
os rostos pedem este vento

calma e alguma ternura.  
Mas não falaremos de amor.  
Os homens estão errados,  
as flores morrem na rua

e nos livros que lemos  
a realidade parece incrédula  
frente à própria ficção.  
A palavra segue no bolso

como um recado, receita  
para cozinhar legumes  
sem que percam a água  
proteínas. Hoje, quebramos

o primeiro ovo podre  
desde quando partilhamos  
este alimento, esta esperança.  
Mas não falaremos de amor.

O que nos cerra os olhos  
revela o imenso brilho plural  
que nos visita. Este mistério  
é mais amável e frágil

que nossas palavras surdas  
apreenderam nos índices  
prontos do mundo. Amar  
é escapar à própria fala.

## **Percurso**

Esta é a estranha ternura  
dos versos. Sempre em  
devir. Nunca sequentes  
lógicos instrutores firmes

ordenadores de um mundo  
aqui fragmentado. A divisa  
de um verso é um abismo,  
um vale fundo de um rio,

que hoje acolhe a sede,  
amanhã o caminho curto  
dos pés até a outra margem.  
Estes pequenos degraus

às vezes cansam, outras  
noites permitem sentar,  
refrescar na ardósia fria,  
fortalecer estas pernas.

Um verso é próximo ao chão,  
embora se escalone ao céu.  
O verso reconfigura a distância:  
aproximam-se esses países

e esta quebra elide mapas.  
O nome do amor observa:  
à margem esquerda se apoia  
e sabe do ombro a extremidade

semelhante a esta linha  
em que não vamos ao fim  
para que se possa respirar  
e haja ainda o que seguir.

## **A pesca**

Ontem um professor me disse  
que só 2 entre 10 pescadores  
sabem e se arriscam a nadar.  
Como uma espécie solene

de respeito, os corpos atentos  
apreenderam a gravidade nula  
do que lhes sustenta. O berço  
próprio da vida, onde mergulhar

seria arranhar a membrana. Beber  
do sangue que corre nas veias,  
sorver das vigas que sustentam  
a casa, o sonho, a persistência.

Nesta beira, há algo próximo  
à matéria do amor. Deste lado,  
a imagem cuidadosa é cristalina,  
um instrumento que agora penteia,

reflete e trança os cabelos.  
Submergir, porém, talharia finas  
assinaturas, datas, dois pedidos  
em que não mais se veria a manhã

com esta luz que nos envolve  
sem que seja necessário fogo,  
casca, poeira ou outro artifício.  
A matéria do amor se apresenta

como as redes, as iscas, as buscas  
próximas ao mar. Estas mãos  
apenas seguem nos bolsos e veem  
sal e ondas no cultivo do outro.